



Said Ali: em torno de um acontecimento e de um percurso

Said Ali: around an event and a path

Eduardo Guimarães*

DL – IEL/Labeurb

Unicamp/Unemat/CNPq

***Resumo:** Para analisar um certo percurso da obra de Said Ali, decisivo na história das ideias linguísticas no Brasil, tomo dois acontecimentos. De um lado a publicação da Gramática Secundária (uma gramática normativa, que ele chama de prática) e a publicação de Estrutura da Língua Portuguesa de Mattoso Câmara, em 1970. Com esta análise procuramos refletir sobre a questão do purismo, de um lado, e da consideração de uma norma linguística na obra de Said Ali, de outro. Podemos observar que, se ele considera a questão da norma linguística, de uma língua escrita como modelo, ele é radicalmente contra o purismo da língua, considerando sua história e suas relações com outras línguas. Feito o percurso, podemos considerar que o sentido do acontecimento que tomamos para análise tem no seu passado os trabalhos publicados em Dificuldades da Língua Portuguesa, a Lexeologia do português histórico e Formação das palavras e sintaxe do português histórico; no seu presente, a enunciação das definições de gramática; e no futuro o que o acontecimento projeta como sentido, no caso, entre outras coisas, a realização de uma gramática descritiva da língua portuguesa. Um aspecto importante no seu trabalho é o modo como nele opera um sujeito psicológico da linguagem e um sujeito da língua, o povo, com todas as suas divisões. Tomando seu trabalho nas condições de seu tempo, vemos como ele é decisivo e projeta outras condições para as descrições do português no Brasil.*

Palavras-chave: Said Ali, Gramática, Sujeito, Purismo, Norma linguística, Língua portuguesa.

Abstract: *To analyze a certain path of Said Ali's work, decisive in the history of the linguistic ideas in Brazil, I take two events. The publication of the Gramática Secundária (a normative grammar, which he calls practice), and the publication of Estrutura da Língua Portuguesa, by Mattoso Câmara, in 1970. With this analysis, we seek to reflect on the issue of purism, on the one hand, and the consideration of a linguistic standard in Said Ali's work, on the other hand. We can observe that, if he considers the question of the linguistic standard, of a written language as a model, he is radically against the purism of the language, considering its history and its relations with other languages. After the path done, we can consider that the meaning of the event that we take for analysis has in his past the works published in Dificuldades da Língua Portuguesa, a Lexicologia Histórica e Sintaxe e Estilística; in his present, the enunciation of the definitions of grammar; and in the future what the event projects as meaning, in this case, among other things, the realization of a descriptive grammar of the Portuguese language. An important aspect of his work is the way in which a psychological subject of the language and a subject of the language, the people, operate in it, with all its divisions. Taking his work in the conditions of his time, we see how he is decisive and projects other conditions for the descriptions of Portuguese in Brazil.*

Keywords: Said Ali, Grammar, Subject, Purism, Linguistic standard, Portuguese language.

A obra de Said Ali é decisiva na história dos estudos sobre a língua portuguesa e a linguagem no Brasil. Razão suficiente para incluí-lo entre os nomes importantes na história dos estudos linguísticos no Brasil e para que se dedique um espaço particular de reflexão sobre seu lugar na história das ideias linguísticas sobre o Estudo do português.

Procurarei refletir a seguir, a partir da observação de dois acontecimentos que fazem parte da história das ideias linguísticas no Brasil, o que eles podem significar sobre o lugar de Said Ali nestes estudos.

De um lado a publicação da *Gramática Secundária* em 1924 onde encontramos:

A gramática de uma língua pode ser *histórica ou descritiva*.

A Gramática Histórica é aquela que estuda a evolução dos diversos fatos da língua desde a sua origem até a época presente.

Gramática descritiva é Prática quando tem principalmente em vista ensinar a falar e a escrever corretamente: é científica quando procura esclarecer vários fatos à luz da ciência da linguagem e da gramática histórica (Ali, 1924, 15).

De outro lado a publicação de *Estrutura da Língua Portuguesa* de Mattoso Câmara Júnior em 1970, onde encontramos:

A Gramática descritiva ou sincrônica é o estudo do mecanismo pelo qual uma dada língua funciona, num dado momento (gr. *Syn* “reunião”, *chrónos* “tempo”), como meio de comunicação entre os seus falantes, e na análise da estrutura, ou configuração formal, que nesse momento a caracteriza (Mattoso, 1970, p. 11)

E em seguida ele diz:

A gramática descritiva, tal como a vimos encarando, faz parte da linguística pura. Ora, como toda ciência pura e desinteressada, a linguística tem a seu lado uma disciplina normativa, que faz parte do que podemos chamar a linguística aplicada a um fim de comportamento social. Há assim, por exemplo, os preceitos práticos da higiene, que é independente da biologia. Ao lado da sociologia, há o direito, que prescreve regras da conduta nas relações entre os membros de uma sociedade, (idem. p.15).

1. Sobre o Acontecimento

Tomemos inicialmente o primeiro dos acontecimentos acima apresentados. Este acontecimento significa pela temporalidade que constitui: um passado de sentidos deste acontecimento de definição; o presente da definição que significa enquanto uma definição para a gramática secundária e enquanto uma relação com os outros tipos de gramática; e um futuro da definição que, entre outras coisas, abre uma projeção de sentidos possíveis. Para melhor caracterizar os sentidos desta temporalidade, vamos levar em conta o acontecimento futuro da produção de *Estrutura da Língua Portuguesa* de Mattoso Câmara e o percurso de Said Ali na história dos estudos do português do Brasil.

O acontecimento da publicação da *Gramática Secundária* coloca uma questão a propósito da posição de Said Ali¹ no debate, daquela época, em torno do purismo e do lugar do conhecimento normativo sobre as línguas e a linguagem. Said Ali define os três tipos de Gramática e realiza, no acontecimento considerado, a gramática normativa (técnica).

Said Ali é um gramático cuja autoria se faz já numa história brasileira da gramática. Nas suas gramáticas, a secundária, a elementar e a histórica, ele já enuncia de uma posição de autoria brasileira constituída pelos gramáticos do fim do século XIX e início do XX².

Ele é responsável por descrições decisivas para a análise da língua portuguesa no Brasil no início do século XX. Basta lembrar, entre outras coisas, a) sua descrição das formas verbais em *-ria*, que ele já considerava, na passagem do século XIX para o XX, como um futuro do pretérito e não um modo condicional; descrição que se impôs, mais tarde, na tradição gramatical brasileira (seu texto “O Futuro” foi incluído, em 1908, em *Dificuldades da Língua Portuguesa*, outro clássico da linguística brasileira); b) suas análises do infinito e da colocação dos pronomes oblíquos átonos no português do Brasil; c) sua gramática histórica inovadora para as condições brasileiras e de descrição do Português.

Tomemos o acontecimento da publicação da *Gramática Secundária*. O que há de propriamente específico neste acontecimento não é que ele deixa de definir a gramática como normativa, definindo-a como descritiva ou científica.

Para melhor caracterizar sua posição, lembremos que esta definição da gramática já se apresenta no processo da gramatização brasileira do português, na segunda metade do século XIX³. Neste processo histórico passa-se da definição de Jerônimo Soares Barbosa que define a gramática como “a arte de fallar e escrever correctamente a própria língua” (Barbosa, 1822, p. 1), segundo a tradição clássica greco-romana, para uma nova posição. A gramática, na tradição clássica é uma arte tal como a retórica e a dialética, cuja finalidade, no caso da gramática, é ensinar a correção no uso da linguagem.

Podemos lembrar que gramáticos daquela época, deslocando-se da relação com a gramática filosófica, apresentam definições científicas para suas gramáticas. Júlio Ribeiro (1881) define: “Grammatica é a exposição metódica dos factos da língua” (p. 1); Pacheco Silva Júnior e Lameira de Andrade (1887) definem:

Gramática geral é o estudo, em toda sua extensão, dos factos e das leis da linguagem escripta e falada.

É o conjunto dos processos comuns a muitas línguas comparadas (p. 65).

Ou seja, encontramos aqui, pela via de uma filiação à linguística histórica do século XIX, a busca de uma concepção de gramática não-normativa. Ambos se colocam na posição de que a gramática é uma descrição, uma exposição de factos da língua, e não um conjunto de regras de bem falar e escrever. Apesar das definições, as gramáticas que produziram são gramáticas normativas, e tal como elas e muitas outras, se caracterizam por apresentar regras de formação de plural, de feminino; por apresentar paradigmas verbais; e de apresentarem uma seção sobre, por exemplo, *vícios de linguagem*.

A especificidade do acontecimento da *Gramática Secundária* não diz respeito a produzir uma gramática científica, ou descritiva, tal como produziu Mattoso Câmara com *Estrutura da Língua Portuguesa*, por exemplo. O que este acontecimento produz é um novo lugar no domínio da gramática no Brasil⁴. O que este acontecimento da *Gramática Secundária* produz é formular explicitamente um lugar para uma gramática prática (normativa) ao lado do lugar da gramática descritiva, ou vice-versa, na história da gramática no Brasil⁵. Said Ali, ao fazer sua

gramática secundária, a define como prática (normativa), de modo consistente, e define, embora não a produza, o lugar de uma gramática científica.

Além de definir com clareza a diferença, ao enunciar sua tipologia submete a gramática descritiva científica à ciência da linguagem e à gramática histórica. Ao contrário, a gramática descritiva prática (normativa) não se põe nesta vinculação⁶. O ponto de articulação desta separação teórica entre os dois tipos de gramática descritiva está em que o corte que estabelece o objeto da gramática histórica em oposição ao da descritiva distingue todos os períodos passados de uma língua, de um lado, e a época em que o linguista está e realiza o seu trabalho, de outro. Produzida a distinção, a gramática descritiva científica aparece como uma descrição da língua no momento de sua atualidade com o linguista.

O acontecimento da publicação da *Gramática Secundária* enuncia a distinção entre dois tipos de gramáticas descritivas, uma prática (normativa) e outra científica. Instala-se na história da Gramática no Brasil o lugar, que segundo penso, não se produzira até então, da gramática descritiva científica. Este lugar fica posto desde este momento e será pela primeira vez preenchido, no meu entender, por *Estrutura da Língua Portuguesa* de Mattoso Câmara em 1970.

Não estou dizendo que o estudo científico, descritivo, se inicia com *Estrutura da Língua Portuguesa*. Digo, simplesmente, que esta obra de Mattoso, sob meu ponto de vista, é a primeira gramática descritiva do português no Brasil. E sabemos que não só Mattoso, mas também outros, já faziam análises científicas, descritivas em seus textos. O fundamental aqui é que, tal como disse em Guimarães (2004) “esta distinção de tipos de gramática é a formulação de um lugar para a gramática descritiva científica é sua marca (de Said Ali) enunciativa numa história brasileira. E no sentido de que estar na história é instalar uma temporalidade de sentidos”. No caso presente, Said Ali instala a temporalidade na qual passa a significar uma gramática descritiva não-normativa, mesmo que ele não a tenha produzido.

2. A Produção de Said Ali: o Sujeito Psicológico e o Sujeito Povo

Consideremos agora, na obra de Said Ali, a realização de estudos de descrição do português. Estudos que já se apresentam, desde a

passagem do século XIX para o século XX, com a publicação do *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Este trabalho rigoroso de análise aparece registrado, por exemplo, por Mattoso Câmara:

Já Said Ali concentrou-se em certos problemas específicos de categorias gramaticais em português, como a conceituação do chamado “condicional”, que ele interpretou fundamentalmente como um “futuro do pretérito”, a função da partícula *se* na caracterização da forma verbal, o valor dos tempos compostos do auxiliar *ter* em locução com um particípio perfeito, que ele considerou primordialmente como uma expressão do aspecto “perfectivo” (Ali, 1930, 1931). (MATTOSO, 1966).

Said Ali tem, sua obra mostra isso, essa capacidade de analisar a língua com extremo rigor colocando-a na sua história.

Ou seja, ele é um gramático que descreve fatos de língua, e é também um gramático que considera como decisivo ensinar a escrever e falar corretamente, a ponto de produzir uma gramática normativa, mesmo que seus trabalhos pudessem levar a uma gramática científica. Eu diria que se trata, na sua obra, de uma decorrência de ele ainda tomar como objeto de análise não a *língua*, mas a *língua nacional*. E isto está diretamente relacionado com o que coloquei no início sobre o limite entre o normativo e o purismo.

Em “Lexicologia do Português Histórico” em 1921, posteriormente incorporada à sua *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (1931), encontramos:

Não dissocio do homem pensante e da sua psicologia as alterações porque passou a linguagem em tantos séculos. É a psicologia elemento essencial e indispensável à investigação de pontos obscuros. As mesmas leis fonéticas seriam inexistentes sem os processos da memória e da analogia. Até o esquecimento, a memória negativa, é fator, e dos mais importantes, na evolução e progresso de qualquer idioma.

Adotado semelhante método de pesquisa, adquiriu o livro certo aspecto de lexeologia semântica, ou, se preferirem, de semântica lexeológica, destoando assim de vetusto sistema de classificação (ALI, 1931, p. 7).

Nesta passagem ele formula o lugar de um sujeito psicológico para a linguagem. Da sua posição de que não se pode reduzir a linguagem ao lógico e gramatical, diz que o elemento psicológico é indispensável para a compreensão das mudanças linguísticas, inclusive as gramaticais.

Assim o sujeito da linguagem é psicológico. É este sujeito que, ao falar, produz mudanças na língua. O psicológico, tal como diz também no prólogo de *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, faz parte de sua narrativa pela qual seu trabalho opõe-se ao “antigo”, ao “vetusto”. Em *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, ele se reportará ao “homem normal”, o “indivíduo”, Na *Lexeologia* este sujeito é significado como o “homem pensante”.

Nesta medida a semântica é caracterizada como ocupando-se da mudança de sentido das palavras produzida por este sujeito psicológico.

Por outro lado, na parte sobre “Alterações Semânticas” do *Meios de Expressão*, Said Ali procura descrever as mudanças de sentido de um conjunto de palavras, tomadas uma a uma, como sendo um processo da língua fora do sujeito. Desde a seção inicial desta parte nos diz:

Nas seguintes páginas exponho as alterações semânticas por que passaram várias expressões da língua portuguesa, mostro as épocas em que as acepções diferiram das atuais e explico, sempre que posso, as causas das mudanças (ALI, 1927, p. 55).

Há extensão ou alargamento quando um termo de sentido especial passa a ter sentido geral (idem, ibidem).

Quando um termo se usa com várias acepções diz-se que há *polissemia* (idem, p. 57).

Estas sequências parecem formular o funcionamento da língua na relação consigo mesma.

Ao iniciar a descrição das mudanças semânticas da primeira palavra que considera (“anatomia”) diz:

Do termo científico *anatomia* cedo se apoderou o vulgo para lhe atribuir sentido depreciativo. Usava-o de preferência no plural (idem, p. 58).

A escrituração enunciativa da sequência opõe “termo científico” a “vulgo”, o que faz aparecer “científico” como oposto a “vulgar” e “cientista” como oposto a “vulgo”. Por esta via formula-se uma distinção de tipos de sujeito: “os cientistas” e “o vulgo”, e isto faz entrar em cena toda uma tipologia de lugares sociais do sujeito, na qual está “pessoas educadas”, etc. A este propósito é significativa a sequência abaixo:

Por influência da ciência médica todo o mundo hoje diz *pulmão*, *pulmões* e até *pneumonia* (quase sempre dupla) (idem, p. 60).

Aqui não fica formulada a significação do vulgar (o que aparece é *todo o mundo*). Isto indica a exclusão do vulgo da classe das pessoas educadas.

É interessante ver que a entrada deste sujeito social põe de pronto a questão da correção e da normatividade no uso da língua, por um viés em que Said Ali aparece na posição de quem a considera. Normatividade que fica remetida a estas distinções sociais estratificadas.

Se observamos a terceira parte do livro *Meios de Expressão*, “Aquisições Novas – Estrangeirismos”, vamos reencontrar o debate sobre o purismo e uma formulação mais direta de um sujeito social.

A atitude hostil, e não raro exagerada, contra os vocábulos que chegam por via francesa, deve-se à reação purista de alguns escritores de fins do século XVIII e princípios do século XIX, impressionados com o gosto que se vinha tomando pelo falar do civilizado povo d’além-

Pirineus. Termos franceses sem necessidade alguma se iam já substituindo a expressões usadas desde tempos imemoriais (idem, p. 82).

Aqui Said Ali formula a atitude purista, contrapondo-se a ela pela determinação de “e não raro exagerada”. Ao mesmo tempo, nomeia o sujeito da língua envolvido neste debate purista: *o povo*. E ao nomear este sujeito, a questão do purismo localiza uma distinção entre línguas nacionais também no plano político: língua da França (“termos franceses”), língua de Portugal, língua do Brasil (“aqui no Brasil”).

Para entender melhor sua posição sobre o purismo, observemos o que Said ali diz em “O Purismo e o Progresso da Língua Portuguesa”, de 1914, incluído no *Dificuldades*.

Nos quatro primeiros parágrafos do texto o autor afirma a superioridade da *escrita* que leva a uma

...esfera superior mais pura. As mesmas vulgaridades da vida não lhe parecem dignas de serem descritas senão em linguagem acima da vulgar (ALI, 1914, p. 163).

Em seguida toma a linguagem escrita como modelar:

Deve ter sido um deus o que inventou a divina arte de escrever. Os gênios por ele inspirados fundam e criam a linguagem literária, o falar culto, aquele que serve de modelo à posteridade, modificado com o progredir dos tempos, com o desenvolvimento intelectual e material de uma nação, mas a mesma linguagem na essência (idem, *ibidem*).

Ao colocar o caráter modelar, portanto normativo, da linguagem escrita, afirma sua relação com a Nação e seu desenvolvimento. E a operação enunciativa de estabelecer o escrito como modelar é determinado, por reescrituração, por “falar culto”. Em seguida diz:

Vive e prospera essa linguagem enquanto houver povo que a fale; cessa de medrar e torna-se estacionária, ou pelo extermínio do povo, ou

quando este aceita, com a dominação estrangeira, novo idioma e repudia o nativo (idem, ibidem).

Que é seguido por

Exalçam-se em prosa e em verso as excelências da língua nacional (idem, ibidem).

Aqui também se formula qual o sujeito da língua nacional: o povo. Se o povo fala uma língua (idioma) ela se mantém, se não a fala ela desaparece. E o povo é especificamente o sujeito da língua (idioma) nacional. E o povo enquanto sujeito da língua nacional é só a parte do povo que o “falar culto” extrai da totalidade do mesmo povo. Assim a divisão social, ao se sobrepor à divisão política, produz uma divisão do sujeito-povo tal que enunciam em língua nacional aqueles caracterizados pelo “falar culto”.

Neste contexto Said Ali se opunha expressamente ao purismo:

Com a expansão natural do vocabulário, consequência inevitável do progresso intelectual e material e do contato com outras nações, mal se concilia a doutrina que defende a pureza da linguagem (idem, p. 169).

Assim se seu estudo de mudanças semânticas e de aquisições novas (ou seja, de sua semântica lexical) opera relativamente a um sujeito psicológico da linguagem, opera por outra parte relativamente a um sujeito social que ora se divide em torno de uma divisão política das nações em que o sujeito é o povo, ora se divide em torno de uma divisão social entre o formal e o vulgar, o científico e o geral, etc.

3. Said Ali na Conjuntura de seu tempo

Gostaria de tratar do lugar de Said Ali, a partir do acontecimento que tomei, considerando o cotejo com o acontecimento da publicação de *Estrutura da Língua Portuguesa*.

Se tomo o período da produção de Said Ali observa-se que as condições de seu trabalho se dão já depois da colocação em curso da gramatização brasileira da língua portuguesa que faz parte da

constituição do português como língua Nacional do Brasil e da constituição da autoria brasileira de gramática⁷, que se deu, segundo minha periodização (Guimarães, 2004, p. 23 e ss), no final do primeiro período em torno de 1887 – tomo como divisor o estabelecimento dos exames preparatórios.

No segundo período⁸ é que se dá a principal produção de Said Ali. Neste período podem-se observar acontecimentos políticos decisivos como o fim da escravidão e a proclamação da república. Por outro lado, mantém-se neste período um cenário intelectual de uma disputa em torno do purismo que vai se alterando pela produção sobre a língua de gramáticos e estudiosos como Julio Ribeiro, João Ribeiro, Pacheco Silva e Maximino Maciel. Este conjunto de condições desdobra uma produção contra o purismo, tanto no estudo gramatical como o de Said Ali, como uma produção de conhecimento sobre divisões da língua (dialetos, falares) como os de Amadeu Amaral (1920) e Antenor Nascentes (1922). Ambos da mesma década da publicação da *Gramática Secundária*. Antes deste momento Said Ali já publicara em 1908 *Dificuldades da Língua Portuguesa*, e partes da *Lexeologia do português histórico e da Formação das palavras e sintaxe do português histórico* que formam a *Gramática Histórica* publicada em 1931, ano da publicação do *Dicionário Etimológico* de Nascentes.

Assim é preciso ver a força e importância desse trabalho de Said Ali sobre a língua portuguesa que projeta já posições que serão mais especificamente desenvolvidas no terceiro período, como no trabalho de Mattoso Câmara, e que põe em curso as posições da descrição da língua, na relação com a linguística histórica que permanece.

É interessante observar que, nesse terceiro período⁹, certos estudos de Said Ali, que já estão no *Dificuldades da Língua Portuguesa*, serão capturados pela NGB, como o estudo das formas verbais em *-ria*. Nesse estudo, como sabemos, ele, ao tratar estas formas verbais, as considera como um futuro do pretérito, considerando a inexistência do modo condicional. De certa maneira seu estudo sobre a colocação dos pronomes oblíquos, flexibilizando o modo português de posicionar os pronomes oblíquos átonos, é adotado nas gramáticas normativas. Nesta medida sua posição de tomar, como disse antes, como objeto, a língua nacional, é parte dos elementos que levam a estas capturas.

Uma última coisa, se a ciência no Brasil tem um percurso (considere-se a colonização) que lutou, e ainda luta, contra as

dificuldades para se chegar a uma produção relevante e de ampla circulação, podemos dizer que a produção de Said Ali coloca em cena uma produção decisiva para o conhecimento do português (enquanto língua nacional).

Conclusão

Feito o percurso, podemos considerar que o sentido do acontecimento que tomamos para análise tem no seu passado os trabalhos publicados em *Dificuldades da Língua Portuguesa, Lexeologia do português histórico* e *Formação das palavras e sintaxe do português histórico*; no seu presente, a enunciação das definições de gramática; e no futuro o que o acontecimento projeta como sentido, no caso, entre outras coisas, a realização de uma gramática descritiva da língua portuguesa. Percorrendo o tempo, tomado como elemento de referência, tendo em vista o acontecimento da publicação do *Estrutura da língua Portuguesa*, podemos considerar que ele está significado de algum modo no acontecimento da definição de Said Ali.

Por outro lado, pensando no percurso, podemos dizer que Said Ali, não só ele é claro, está determinado por uma conjuntura que se desdobra do processo da abolição da escravidão, tirando o Brasil do modo de produção escravocrata, e da proclamação da República, abrindo a história do Brasil para a democracia, a federação (a constituição dos Estados do Brasil) e a república. E nestas condições é forte a presença da luta intelectual que torna sua a língua do colonizador como língua nacional.

Referências bibliográficas

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira. Gramática – Vocabulário**. São Paulo, Anhembi, 1955 (1920).

ALI, M.S. **Dificuldades da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1966 (1908).

ALI, M.S. “O Purismo e o Progresso da Língua Portuguesa”. In **Dificuldades da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1966 (1914).

ALI, M. S. **Gramática Secundária da Língua Portuguesa**. São Paulo, Melhoramentos, 1966 (1924).

- ALI, M. S. **Meios de Expressão e Alterações Semânticas**. Rio de Janeiro, FGV, 1971 (1947).
- ALI, M.S. **Gramática Histórica da Língua portuguesa**. São Paulo, Melhoramentos, 1966 (1931).
- AUROUX, S. **La Raison, le langage et les normes**. Paris, PUF, 1998.
- BARBOSA, J. **Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza**. Lisboa, Tipografia da Academia, 1822.
- GUIMARÃES, E. “Sinopse dos estudos do português no Brasil”, *Relatos*, 1, HIL, 1994.
- GUIMARÃES, E. **História da Semântica. Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil**. Campinas, Pontes, 2004.
- MATTOSO CAMARA, J. “Estudos do Português no Brasil”. In **Dispersos**. Rio de Janeiro, FGV, 1972 (1966).
- MATTOSO CAMARA, J. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, Vozes, 1970.
- NASCENTES, A. **O Linguajar Carioca**. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1922.
- ORLANDI, E. P. “O Estado, a Gramática, a Autoria”, *Relatos* 4, HIL, Unicamp, 1997.
- ORLANDI, E. P. e GUIMARÃES, E. “La formationa d’un espace de production linguistique. La grammaire au Brésil”. **Langages**, 130, p. 8-27, 1998
- ORLANDI, E. P. “O Estado, a Gramática, a Autoria: Língua e conhecimento linguístico”. **Línguas e Instrumentos linguísticos 4/5**. Campinas, Pontes, 2000.
- PACHECO Silva e Lameira de Andrade **Grammatica de língua Portugueza**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1907 (1887/1894).
- RIBEIRO, Júlio. **Grammatica Portugueza**, São Paulo, Jorge Seckler, 1881.

Notas

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). É professor titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Professor Visitante da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

¹ Manuel Said Ali nasceu em 21 de outubro de 1861, foi professor de Alemão do prestigioso Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, é autor de insubstituíveis descrições do português, autor de uma *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de 1931, clássica

desde seu lançamento, além de uma *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, por tantos compulsada e citada. Faleceu em 22 de maio de 1953, aos 92 anos.

² Sobre esta questão da autoria da gramática e da história brasileira da gramática ver Orlandi (1997, 2000) e Orlandi e Guimarães (1998). Sobre a história brasileira da gramática ver também Guimarães (2004).

³ Para uma análise mais ampla destas questões ver Orlandi e Guimarães (1998).

⁴ Sobre a história da gramática e os estudos do português no Brasil ver Orlandi e Guimarães (1998) e Guimarães (2004)

⁵ Não se pode deixar de ver, em definições como a de João Ribeiro (“Gramática descritiva, ou prática, é a arte que ensina a falar e escrever corretamente, isto é, segundo o uso das pessoas cultas”), uma pré-formulação, que distinguiria uma gramática prática de outra científica, insinuar-se pelo “ou prática”.

⁶ Sobre a normatividade nos estudos da linguagem, tanto em geral, quanto relativamente ao comparativismo, ver Auroux (1998), notadamente a parte “La Linguistique est une science normative”.

⁷ Sobre a questão da autoria da gramática na história brasileira da gramática ver Orlandi (1997, 2000).

⁸ Este período vai de 1887 a 1933 conforme está em Guimarães (2004).

⁹ Este período vai de 1934 a 1961, ver Guimarães (2004).